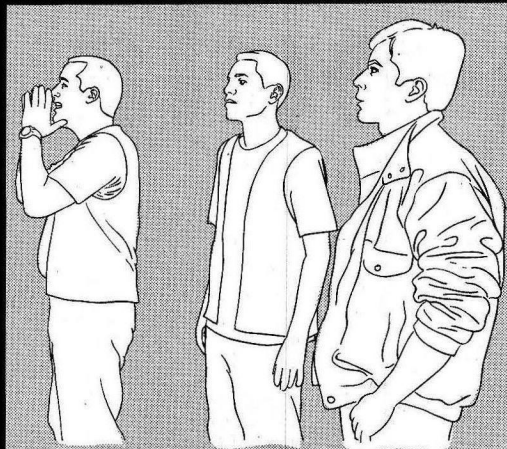
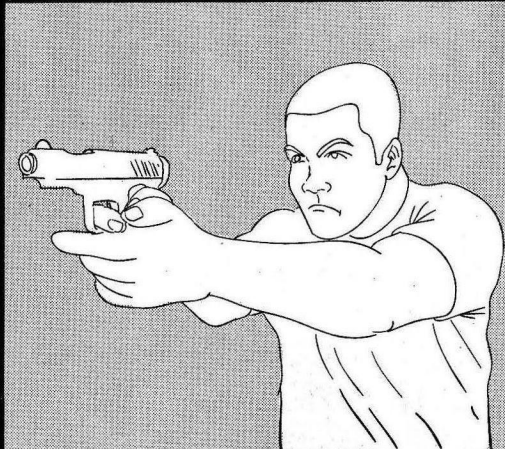
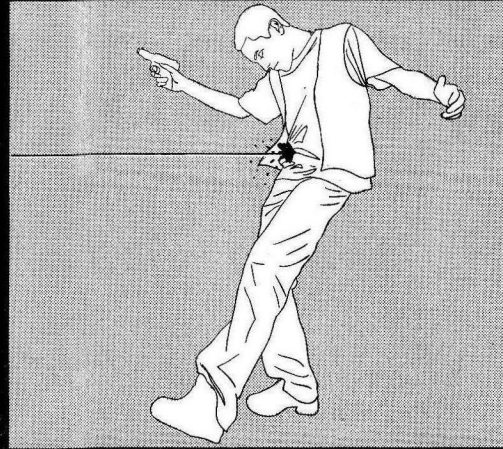




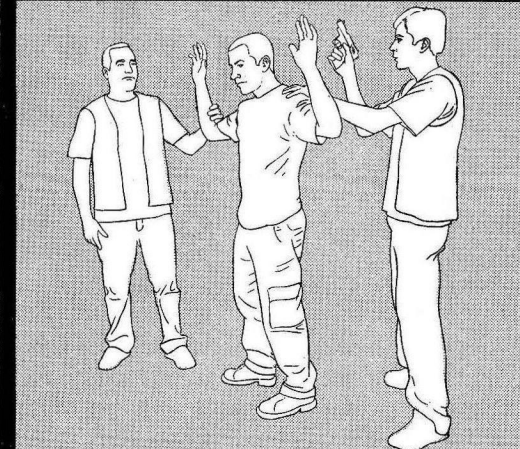
Civis foram à casa do PM para cumprir mandado de apreensão em nome de Nadja



O soldado do Bope disparou com uma pistola 380 e atingiu um agente da DOE



O policial civil foi atingido na região da virilha e foi levado às pressas para o hospital



O soldado do Bope foi levado para a delegacia, acusado de tentativa de homicídio

Polícia atira contra polícia

JOSEMAR GONÇALVES

Carlos Carone

O cumprimento de um mandado de busca e apreensão resultou em confronto entre um policial militar do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e policiais civis, ontem, no início da manhã, na QE 24 do Guará II. Os agentes estavam atrás de uma mulher acusada de fazer parte de uma quadrilha especializada em estelionatos. Um policial civil, de 37 anos, acabou baleado durante a ação pelo soldado do Bope, Eduardo Borges dos Santos, 37 anos, dono da residência. As duas corporações apresentam versões diferentes para o caso.

Nadja Jaqueline, 20 anos, sobrinha do militar do Bope, mora na casa que foi alvo da operação. Por volta de 6h10 — segundo informações dos agentes — uma equipe formada por três homens da Delegacia de Operações Especiais (DOE), três da Delegacia de Defraudações (DEF) e outros três da Delegacia de Repressão a Roubos (DRR) bateram no portão da residência, chamando por Nadja. "Como não houve resposta, partimos o cadeado do portão e nos preparamos para arrombar a porta", disse um dos agentes, que não quis se identificar.

De acordo com os policiais civis, uma formação específica foi organizada para arrombar a porta. "Os agentes contaram que, antes do arrombamento, um tiro foi disparado ainda com a porta fechada e que acabou acertando a virilha do agente José Pedro Mendonça", explicou o delegado-chefe da 4ª Delegacia de Polícia (Guará), Jefferson Lisboa, que investiga o caso.

Sem identificação

Em depoimento, na delegacia, os agentes contaram que a porta foi arrombada e um novo disparo ocorreu, desta vez, o tiro teria atingido

a lataria de um Fiat Uno, estacionado na garagem da casa. "Logo depois, o soldado correu para um quarto e se trancou, enquanto a esposa, duas crianças e Nadja ficaram gritando que ele era policial e pertencia ao Bope. Mas o grande problema é que ele não se identificou em nenhum momento antes de atirar", explicou outro policial civil que participou da ação.

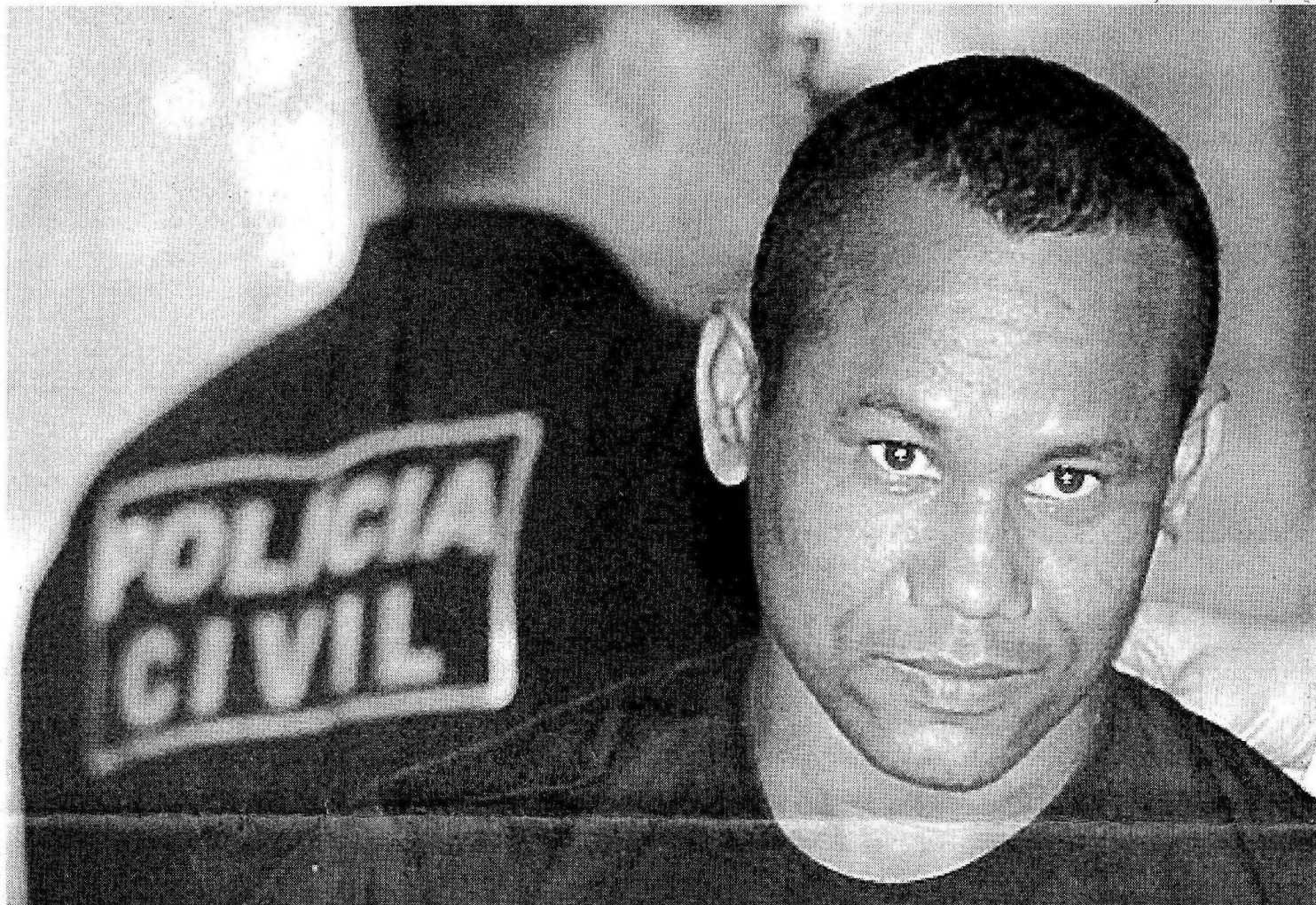
Assustados com o confronto, vizinhos ligaram para a Polícia Militar. Em poucos minutos, o tumulto estava formado. De um lado, policiais civis queriam cumprir o mandado em nome da suspeita. Do outro, policiais militares saber o que ocorria na casa do militar. O comandante-geral da PM, coronel José Cerqueira foi chamado.

Trancado em um dos quartos da casa, o Eduardo disse que só sairia se pudesse se entregar para o Bope. Ele foi levado de camburão para a 4ª DP, onde foi autuado por tentativa de homicídio. "Todas as circunstâncias que envolvem o caso serão apuradas. A perícia feita no local e nas armas de todos os policiais envolvidos irá apontar quem atirou ou não", afirmou o delegado.

Vizinhos assustados

Uma das vizinhas do militar contou que ouviu os berros dos agentes da Polícia Civil exatamente às 6h07. "A polícia gritava o nome de uma pessoa e olhei logo para o relógio. Quando fui até a garagem de minha casa, vi os policiais arrebentarem o portão e entrarem depois que ninguém respondeu aos chamados", relatou.

Outros vizinhos classificaram a ação como exagerada, já que Nadja é acusada de estelionato, e não um crime contra a vida. Uma mulher que mora em um das casas onde foram cumpridos mandados de prisão passou mal e acusa os agentes de terem agido de forma truculenta. (colaborou Luís Augusto Gomes)



EDUARDO ALEGA TER PENSADO QUE AGENTES ERAM LADRÕES. POLICIAIS CIVIS REBATEM, DIZENDO QUE ESTAVAM UNIFORMIZADOS E COM VIATURAS

Versões diferentes para o caso

A versões mantidas pela Polícia Civil e pelo policial do Bope são divergentes. Segundo o diretor geral da Polícia Civil, delegado Cléber Monteiro, todo o procedimento feito pelos agentes estava dentro da lei. "Eles entraram depois das 6h e, como ninguém respondeu aos chamados, eles têm o direito de arrombar a porta da casa e entrar para evitar que possíveis provas materiais sejam ocultadas ou destruídas", explicou.

Já o advogado do soldado, Marcus Vinícius Figueiredo, relatou que seu cliente contou, em depoimento, que acordou com barulhos dos agentes por volta de 5h30 e que ainda estava escuro. "Ele chamou a esposa e disse que a casa estava sendo invadida. Logo depois, ele falou

para a mulher proteger os dois filhos pequenos", afirmou o advogado.

Figueiredo diz que seu cliente ainda tentou olhar pela janela a movimentação que ocorria do lado de fora da casa, mas que não deu tempo de tomar alguma atitude. "Antes disso, a porta foi arrombada e ele realmente disparou uma vez com a arma e logo depois correu para o quarto", explicou.

De acordo com Figueiredo, o PM reagiu porque achou que eram assaltantes. "Além disso, o lar é um lugar inviolável antes das 6h da manhã", justificou. No entanto, a nota oficial emitida, ontem, pelo Comando Geral da PM, afirma que "por volta de 6h04, um policial militar atingiu um policial civil

com um tiro na virilha".

Outro trecho da nota oficial diz que "os policiais civis tentaram entrar na casa do PM que, pensando se tratar de ladrões, pois foi avisado por vizinhos que três pessoas armadas em frente a sua casa, atirou contra um deles. Os policiais civis, ao que parece, não sabiam que na casa estava um policial militar".

Os policiais civis rebatem a desconfiança de que seriam ladrões com o argumento de que estavam uniformizados e havia viaturas paradas em frente à casa.

PM detido

Depois de prestar depoimento, os próprios policiais do Bope levaram Eduardo Borges para a carceragem da 3ª Companhia de

Polícia Militar Independente (CPMInd), que fica no Complexo Penitenciário da Papuda. O local é usado para manter policiais e bombeiros que estão cumprindo pena pela prática de algum tipo de crime.

O advogado do soldado disse que entrará com um pedido de liberdade provisória no Tribunal de Justiça do DF. "Caso esse pedido seja indeferido, irei impetrar um *habeas corpus*", adiantou Figueiredo.

O policial baleado foi levado às pressas para a emergência do Hospital de Base, onde foi operado. Ele está lúcido e não corre risco de morrer.

A Secretaria de Segurança Pública não quis se pronunciar, alegando que deixaria o caso nas mãos da Polícia Civil.